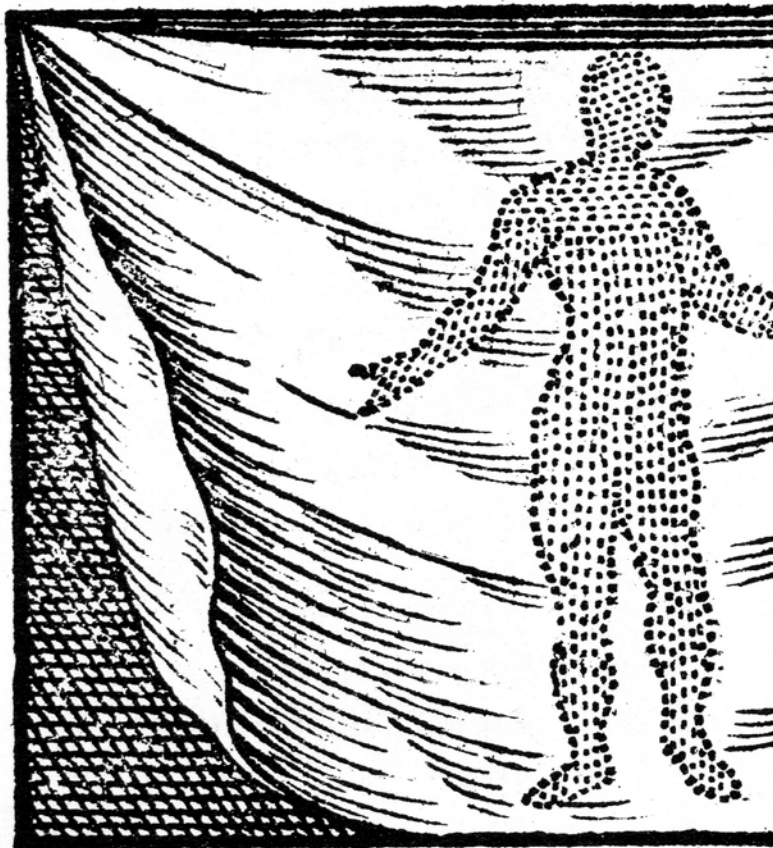


XLII.

Anima Ho-
minis.

Di



Anima
est vita corporis,
in toto una :
Tantum *Vegetativa*,
in *Plantis* ;
Simul *Sensitiva*,
in *Animalibus* ;
Etiam *Rationalis*.

Die
ist des S
einig in
Allein
in den p
Zuglei
in den
Auch e

Revista **MATÉRIA-PRIMA**, Práticas Artísticas
no Ensino Básico e Secundário
Volume 8, número 1, janeiro-abril 2020,
ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829
Ver arquivo em > <http://materiaprima.fba.ul.pt>

Revista internacional com comissão científica
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa & Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes

Revista indexada nas seguintes plataformas científicas:

- QUALIS 2019: A3
- Latindex (catálogo) >
<http://www.latindex.unam.mx>
- DOAJ / Directory of Open Access Journals
> <http://www.doaj.org>
- EBSCO host > <http://www.ebscohost.com>
- Academic Onefile >
<http://latinoamerica.cengage.com/rs/academic-onefile>
- CiteFactor, Directory Indexing of International
Research Journals > <http://www.citefactor.org>
- GALE Cengage Learning — Informe Académico
> <http://www.cengage.com>
- MIAR (Matriz de información para la evaluación
de revistas) > <http://miar.ub.edu>
- Open Academic Journals Index
> <http://www.oaji.net>
- SHERPA / RoMEO > <http://www.sherpa.ac.uk>
- SIS, Scientific Indexing Services >
<http://sindex.org/>
- CNEN / Centro de Informações Nucleares,
Portal do Conhecimento Nuclear LIVRE!
> <http://portalnuclear.cnen.gov.br/livre/inicial.asp>
- ROAD Directory of Open Access Scholarly
Resources > <http://road.issn.org/en>

Periodicidade: quadrimestral
Revisão de submissões: arbitragem duplamente
cega por Pares Académicos
Direção: João Paulo Queiroz
Divulgação: Isabel Nunes
Logística: Lurdes Santos, Conceição Reis, Rosa Loures
Gestão financeira: Isabel Vieira, Carla Soeiro
Propriedade e serviços administrativos:
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de
Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689
Crédito da capa: Cap. 42 de *Orbis Sensualium
Pictus*, por Comenius, Nuremberga 1658.
Projeto gráfico: Tomás Gouveia
Paginação: Tomás Gouveia
Depósito legal: 361793/13
ISSN (suporte papel): 2182-9756
ISSN (suporte eletrónico): 2182-9829



Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

Revista *Matéria-Prima*

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689
Mail: congressomateriaprima@gmail.com

Experiências artísticas integradas no ensino profissional, cursos nível IV: a metáfora da viagem como filosofia formativa

Artistic experiences integrated in professional education, level IV courses: the metaphor of the journey as a formative philosophy

LEONARDO CHARRÉU* & MADALENA GHIRA**

Artigo completo submetido a 5 de maio de 2019 e aprovado a 15 de maio 2019

*Portugal, professor, Investigador, Artista Visual.

AFILIAÇÃO: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Departamento de Formação e Investigação em Arte e Design. CIED- Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Instituto Politécnico de Lisboa, Campus de Benfica, Estrada de Benfica 529 1549-003 Lisboa Portugal. CIEBA- Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 1249-058 Lisboa. Largo Academia Belas Artes, Lisboa, Portugal. E-mail: lcharreu@esex.ipl.pt

**Portugal. Professora/Formadora Ensino Profissional. Mestranda em Educação Artística.

AFILIAÇÃO: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Escola Profissional de Val do Rio. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, Campus de Benfica, Estrada de Benfica 529 1549-003 Lisboa, Portugal. E-mail: madalena.ghira@gmail.com

Resumo: Este texto trata essencialmente da fundamentação teórica de um relato de experiência que envolve a utilização de expressões artísticas integradas em cursos de formação profissional de nível IV do ensino profissional de uma escola portuguesa. Então, a partir dos conceitos de “evento como pedagogia” e da “metáfora da viagem” foi pensado um conjunto de atividades expressivo-artísticas que tiveram como corolário uma apresentação pública por parte dos alunos envolvidos. Um processo informal de observação etnográfica participante permitiu aferir o alto impacto do projeto na vidas estudantes assim como o modo como sentiram a experiência a partir do que foi vivido.

Palavras chave: Ensino profissional / evento como pedagogia / metáfora da viagem / expressões artísticas / subjetividade.

Abstract: *This text deals essentially with the theoretical foundations of an experience that involves the use of artistic integrated expressions in professional formation courses (level IV, secondary level) of the professional education system in a Portuguese school. Then, from the concepts of “event as pedagogy and the metaphor of the voyage”, the students involved conceived a set of expressive- artistic activities that had as a corollary a public presentation. An informal process of participant ethnographic observation allowed us to gauge the high impact of the project on student lives as well as the way in which they felt the experience from what was lived.*

Keywords: *Professional education / event as pedagogy / metaphor of the voyage / artistic expressions / subjectivity.*

Introdução

Considerado o parente pobre do ensino em Portugal, mesmo depois de passadas cerca de três décadas da sua (re)institucionalização, o ensino profissional é igualmente a franja do sistema onde ainda hoje pouca gente investiga, marcada pelo anátema de ser o *lugar* para onde vão os alunos que não querem estudar. Visando também subtrair-se desse preconceito, esta proposta apresenta-se como um relato de experiência da utilização de práticas artísticas performativas e integradas desenvolvidas pelas turmas dos Cursos Técnicos de Apoio à Infância, Apoio Psicossocial e Auxiliar de Saúde da Escola Profissional Val do Rio (EPVR), situada no Estoril. Entre outros objetivos, este projeto visa desmontar a ideia corrente de um ensino profissional obrigatoriamente subordinado às questões profissionalizantes.

Um evento artístico — Escola ao Palco — planejado com base numa metodologia de trabalho de projeto que se pretende, não apenas integrador, mas também potenciador de aprendizagens significativas, teve a sua fase de execução, ou processo de construção ativa, durante o período decorrido entre o passado dia 3 janeiro e 1 fevereiro 2019, tendo sido apresentado no dia 1 fevereiro, e conta como uma década de existência. Este trabalho que aqui se apresenta, foi na sua gênese, uma ideia de celebração de grupos de finalistas de cursos técnico-profissionais e tinha como objetivo alargar a comunicação do Projeto

Educativo à comunidade. Ainda que se queira manter como tal, este trabalho que se apresenta em palco foi sofrendo alterações a cada ano, e a componente artística foi-se afirmando como linguagem catalisadora e estruturante de todo o projeto, absorvendo toda a componente didática e passando a contemplar, paulatinamente, uma forte dimensão lúdico-expressiva. Ainda assim, não deixou de cumprir objetivos integradores de promoção de competências transversais que permeabilizaram todo o trabalho colaborativo e, este ano, pela primeira vez, reuniu os três cursos de vertente comum — cuidados sociais — integrando currículos (saúde) onde a educação artística não estando presente, tem vindo a reclamar o seu espaço de existência.

1. Que práticas de educação artística no ensino profissional.

Pensar um evento (de índole artístico integrado) como pedagogia

No decorrer dos dez anos que antecederam este trabalho de projeto interdisciplinar, aos professores das áreas de expressão artística (plástica, corporal, dramática e musical) foi sendo exigido esforços acrescidos para integrar e procurar encontrar formas de fazer articular conteúdos, metodologias, horários, disciplinas e módulos e levou à construção de um trabalho no âmbito da inovação em educação — Formação EncontrAr.Te, para professores, iniciada no final do passado ano letivo com o objetivo de planificar um evento que se descobre agora estar assente no conceito de “evento como pedagogia”, preconizado por Denis Atkinson (2011) e por Belidson Dias e Tatiana Fernández, (2013) e por Tatiana Fernández (2015).

Segundo estes últimos autores o evento é entendido:

como um distúrbio ou uma ruptura na forma de entender e atuar. Assim, um evento está por uma parte relacionado ao novo, mas também ao inesperado, aquilo que não pode ser calculado ou ao indesejável. Um evento, por outra parte, acontece em uma dada situação, mas não pertence a ela já que um evento só se manifesta como uma perturbação que ainda não se compreende. Um evento não pode se recortar porque está encadeado a outros eventos. Nesta perspectiva o evento tem o poder de ativar uma aprendizagem real porque sendo algo que perturba uma situação corrente ou interrompe uma repetição conduz a um novo estado ontológico. Desta maneira, tanto o evento pedagógico como o evento artístico são compreendidos como perturbações e rupturas que conduzem ao desconhecido, ao inesperado ou ao novo com novas conexões (Dias & Fernández, 2013:139-140)

É neste contexto que a escola tem procurado encontrar formas de integrar não apenas as artes presentes no currículo mas também abrindo um campo de possibilidades que permita a todos os que fazem parte, desenvolver o seu potencial

artístico. Não sendo uma escola de artes, a ideia pedagógica de base aqui é procurar entender em que sentido a educação artística é, ou deve ser, um lugar que permite a cada um, pela compreensão e vivência, tornar-se naquilo que é ou pode vir a ser, podendo assim experimentar por via da performatividade, a participação cooperativa que pode ser vista como aprendizagem para a vida.

Assim, surgiu uma metáfora que quis ressignificar esta relação que aqui se apresenta como relação teórico-prática — *Da festa da escola para o palco da vida?* Problematizar, ressignificar, serão caminhos que querem colocar a pessoa — o(a) aluno(a) — na sua relação com a vida pessoal e profissional e com valores e competências.

As tensões vividas dentro da complexidade que se foi apresentando como desafio a cada ano, podem ser agora vistas, com a visão que o tempo de experiência permite recolher, como inquietações catalisadoras na busca de novos rumos quer artísticos, quer pedagógicos e evidenciavam um impacto não só na forma de integrar socioculturalmente os alunos, mas também como processo de (re)construção subjetiva dos jovens em formação, muitos deles ainda sem um rumo definido (característica muitas vezes, ou cada vez mais, sentida nestes alunos que buscam caminhos de aprendizagem teórico-práticos), verdadeiramente à procura de um sentido para as suas vidas.

2. A metáfora da viagem como fundamentação teórica complementar

Segundo o sociólogo brasileiro Octávio Ianni (2003:13) “toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias” e, nesse sentido, a metáfora da viagem foi o fio condutor da narrativa no trabalho apresentado este ano que procurou problematizar o tema do ano letivo — “A identidade está na história” (?) — integrando as experiências artísticas que este texto procura dar conta.

Segundo António Nóvoa “toda a viagem tem um destino” (Nóvoa, 2010:1) e é preciso por esse motivo, entre outros apresentados na sua conferência — *Pedagogia, A Terceira Margem do Rio* — “compreender o modo como o passado está inscrito na nossa experiência atual e como o futuro se insinua na história presente” (Nóvoa, 2010:1). Este seu título que surge de um outro texto de João Guimarães Rosa, onde o autor considera a pedagogia a terceira margem do rio, sendo esta, o “próprio rio”, orientou este caminho que evoca, na sua síntese, as três margens. Fechado entre as duas margens laterais estará, não apenas, o leito, onde corre o rio, mas também o caudal, ou a quantidade de água que por ali passa. A força da água tem expressão concreta no seu caudal, seja escassa,

seja em quantidade, na certeza de que lá estará sempre, mesmo que não seja visível, nessa relação de tensão entre o leito e o caudal. Da mesma forma que Ianni, também Nóvoa caracteriza esta viagem pelo conhecimento como um percurso que vive na tensão entre polos aparentemente opostos, considerando aquilo que “une” e aquilo que “liberta” (Nóvoa, 2010:12), considerando que “os saberes só unem se forem ensinados como cultura, se forem trabalhados e inscritos na história de cada um e se forem objecto de uma apropriação pessoal.” Chegando mesmo a afirmar que “se não for gesto de cultura, a pedagogia não é nada.” (Nóvoa, 2010:12).

Assentes neste princípio, encontram-se duas palavras: pedagogia e cultura. Também este encontro se nos apresenta numa tensão entre as práticas, pedagógica e artística, conforme se verifica pela quantidade de estudos atentos a este diálogo com contornos epistemológicos difíceis de definir. Um “entre” paradigmas, que não se apresenta como conflito, antes território híbrido que se contamina no “encontro de águas” (Dias & Fernández, 2013:139).

Resolver esta tensão que vive entre a linearidade do tempo: pedagogia do séc. XIX, professor do séc. XX e aluno do séc. XXI, e a ulterioridade que a metáfora da viagem quer exprimir: algo não linear, algo que não segue em frente, antes vive entre movimentos de um lugar para outro, sugerindo uma performatividade evolutiva que sulca o leito mas que também o percorre, poderá ser vista como a imagem deste novo conceito de aprendizagem. Se plasmada, não mostrará a espiral, nem tampouco um círculo fechado, que é o que encerra as certezas do positivismo e que em nada representa a complexidade deste novo tempo. Se plasmada, talvez seja o rizoma a forma que melhor se ajustará a essa ideia de não linearidade.

Procurar formas de autorrepresentação identitária, que neste artigo se apresentam na conceção de “evento como pedagogia”, buscam para lá do autorretrato individual numa coletividade educacional. Procuram-se espaços de promoção de aprendizagem onde o binómio artístico-pedagógico ganha na mesma medida em que oferece diferentes perspetivas ou modos de conjugar as múltiplas literacias: a visual, a social, a cultural, entre outras. A água, correndo o sulco que já estava desenhado no leito estriado, ainda que passe por ele muitas vezes, o seu caminho nunca será igual.

O “novo” e o “inesperado” (Dias & Fernández, 2013:139) se confrontam na tensão entre o desejado e o imprevisível e, assim, entre relações se constrói todos os anos, este trabalho que agora se descobre *pedagogia do evento*, vivida na tensão de uma pergunta que se constituirá como orientadora para o seu estudo: “what’s going on here?” (Tarozzi, 2011:47).



Figura 1 - Escola ao palco 2018.2019, 3 metáforas, Auditório Boa Nova [01. Fev.2019]. Fonte: própria.

Figura 2 - Escola ao palco 2018.2019, Panorama do espetáculo final, Auditório Boa Nova [01.Fev.2019]. Fonte: própria.

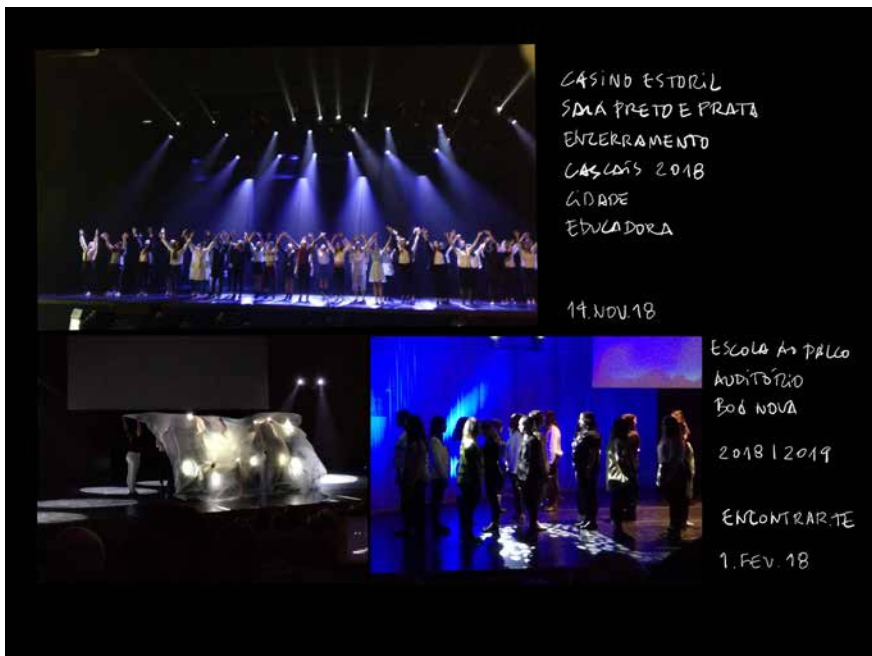


Figura 3 - Montagem fotográfica. Cascais 2018. Cidade Educadora. Casino — Cerimónia Encerramento. Estoril. Sala Preto e Prata. [14.Nov.2018] e Escola ao palco 2018.2019 — Auditório Boa Nova [01. Fev.2019] . Fonte: própria.

Buscar a resposta tem sido não só caminho mas encontro de perguntas que agora levaram a recorrer à figura de estilo: turismo ou viagem? Não havendo tensão, antes escolha na forma de mapear o caminho, “o que implica uma nova relação com o espaço/tempo e com o outro, (...) que nos faz levar *equipamentos* : a nossa história e as ferramentas que nos permitirão a apropriação do que a viagem vai nos proporcionar.” (Pinheiro & Liblik, 2015:108) colocando-nos numa relação mais concreta face às orientações definidas no novo perfil de aluno para o séc. XXI.

3. Estar em palco como experiência pedagógica significativa

O aluno do Sec.XXI, ainda “habitado” à cópia, quando colocado no centro da sua aprendizagem, tem que se descobrir a si, a partir dos outros. A construção da narrativa de guião de apresentação em palco, foi construída de dentro para fora, ou seja, ela deu voz aos sentimentos, aos afetos, aos conhecimentos, às formas de superar a impaciência por esperar, o medo e a insegurança sentida no decorrer do processo e assim (e mais uma vez), gerou descobertas individuais em grupo. O trabalho apresentado em palco foi “viagem”, foi “tribo” e foi “espelho”, as três metáforas apresentadas (Figura 1, Figura 2 e Figura 3) e que quiseram ilustrar um percurso de um mês de preparação.

Cada grupo teve que se organizar, quer em contexto formal, quer em informal, de forma a cumprir um cronograma apertado de tempo de trabalho. O curso de apoio à infância deu voz à “metáfora da viagem” que pretendia ilustrar a viagem de conhecimento. Personagens que caracterizavam o “aluno do séc. XXI”, refletiram sobre o tempo de passagem, sobre a sua forma de ver/olhar o mundo em contraste com as outras gerações (pais, avós, bisavós...) e as descobertas individuais tiveram muita expressão a nível de texto. O curso de auxiliar de saúde, deu voz à “metáfora da tribo” que pretendia ilustrar a diferença/diversidade/multiculturalidade. O curso de apoio psicossocial, deu voz à “metáfora do espelho”, que pretendia ilustrar a relação e a afetividade. O *Eu* e o *Outro*. Pretendia-se criar interação com a plateia, comunicar.

Para avaliar o impacto na plateia que, no sentido que defendemos, se pretendeu que tivesse sido entendido como sentimento ou emoção, foi utilizado um material semiestruturado que estava presente nos três momentos (três metáforas).

Com a ajuda do *Staff* (alunos 1º Ano), foi distribuído pela plateia um pedaço de “nada”, assim foi chamado, ou “material estranhamente leve”, e pretendia-se ressignificar esse nada. Aqui, a componente intertextual surgiu como se projetou: espaço de referência. Espaço de encontro, de “encontrar-te”, de ter voz e de comunicar. De sentir a emoção de ver a plateia a interagir na resposta a um estímulo.

Em contexto real, na semana de 28 de jan. a 01 fev. 2019, as alunas dos três cursos (Infância, Psicossocial e Saúde), formaram um só grupo de trabalho. Pode-se considerar o palco um espaço de inclusão — palavra hoje tão em uso — onde todos “existiram”. Pode-se considerar também que aquele momento foi mais do que “expressão artística”, já que ele valeu bem mais do que o momento vivido. A expressão em si mesma só vale para o momento ou para quem o realiza, já a educação, como sabemos, vale para toda a vida. Acreditamos que foi isso que aconteceu, uma experiência que marcou as alunas e que tão cedo irão esquecer. O que aprenderam nela (com ela)? O tempo e a vida que cada um seguirá, se encarregarão um dia de lembrar. Porque há coisas vividas que precisam de maturar na biografia de cada pessoa para poderem ser verdadeiramente entendidas.

Conclusões

Esta experiência fez-nos crer que o papel da educação artística, em todo o ambiente educativo, deverá ser bem mais do que um mero trabalho a ser integrado ao nível das competências transversais, não sem grandes resistências por parte de uma visão pragmática e tecnocrática da educação em geral e, em particular, do ensino profissional.

Pelo que pudemos aferir (vivendo e observando a partir de dentro) entendemos antes que a educação artística se configura como área do saber e da vida, podendo assim integrar diferentes dimensões que convergem no sentido da construção da pessoa. Apontamos para uma conceção mais ampla de educação que se liga à ideia de desenvolvimento humano, em toda a sua dimensão, numa relação que integra a pessoa enquanto sujeito da sua aprendizagem e sujeito no mundo, autor da sua própria vida e do seu processo de construção pessoal.

A ideia geral de que a educação artística é essencial para as áreas que lhe são específicas, abre-se assim a outras áreas, contribuindo deste modo para um percurso de formação e de vida, reconfigurando-se e trazendo mais significado a um percurso — viagem — na nova escola de saberes e competências — a escola no séc. XXI — um lugar de construção de pessoas, entendidas na sua globalidade. Deste modo, pensar na educação artística nos currículos é entendê-la como lugar de aprendizagens específicas — não só transversais ou atitudinais — na medida em que potenciam a compreensão do que nos rodeia. Obriga a um novo (e concreto!) exercício para o aluno: o exercício da corresponsabilidade e da cooperação. Também consciencializa para o seu lugar no mundo e para a construção de conhecimento como condição da construção da pessoa.

Referências

- Atkinson, Denis (2011). Contemporary Art and Art in Education: The new, emancipation and truth. *IJADE*, ISSN 1476-8062 (Print), ISSN 1476-8070 (Online) 31, (1), p. 5 – 18.
- Dias, Belidson & Fernández, Tatiana (2013). Mapas de interseções na educação em visualidades: Evento artístico como pedagogia. *Visualidades*, ISSN: 2317-6784 (Online), 11 (2), 137-161.
- Fernández, Tatiana (2015). *O evento artístico como pedagogia*. Tese de doutoramento, Brasília: Universidade de Brasília.
- Ianni, Octavio (2003). *Enigmas da Modernidade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. ISBN: 85-200-0524-1.
- Nóvoa, António (2010). Que currículo para o século XI. *Pedagogia: A terceira margem do rio*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. [Consult. 12/01/2019 disponível em URL <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pedagogianovoa.pdf>].
- Pinheiro, Marta & Liblik, Ana (Orgs.) (2015) *Educação Integral e Integrada: subsídios para a formação de professores*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná/Setor de Educação. ISBN: 878-85-8465-002-6
- Tarozzi, Massimiliano (2011). *O que é a grounded theory: Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Rio de Janeiro. Editora Vozes. ISBN: 978-853-264-188-5.